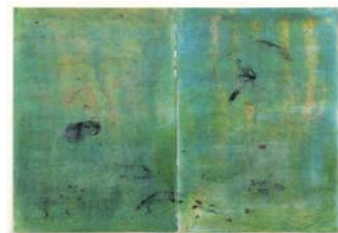


MARIANNITA LUZZATI



MARIANNITA LUZZATI



LIMBO NO TRANSLÚCIDO

Ali estão eles: os sonâmbulos que talvez tenham sobrevivido ao apocalipse. Eles perambulam, eles param, eles aguardam. Eles se sentam, eles se deitam; alguns ficam perpetuamente acordados, alguns cochilam, outros dormem. Estamos num mundo à parte, impregnado de uma luz difusa vinda de fonte desconhecida. O sol é escuro, eclipsado, tal como são os corpos desses seres em silhueta. Estamos num mundo em suspensão, algum lugar entre a morte e a transformação. Somos transportados dentro do arco íris, um universo envolto por uma luz trêmula, o silêncio no coração de nosso ser. E então vivemos num estado catatônico e catártico, de cataclismo e catalepsia. Este é um mundo de cadafalsos escondidos e catacumbas sem fim iluminadas pelo infinito.

Mariannita Luzzati cria poesia em uma névoa de cores: Eternidade fixada pelo olhar.

Alan Frenkiel
Londres, abril de 2004

LIMBO NO TRANSLÚCIDO

Ali estão eles: os sonâmbulos que talvez tenham sobrevivido ao apocalipse. Eles perambulam, eles param, eles aguardam. Eles se sentam, eles se deitam; alguns ficam perpetuamente acordados, alguns cochilam, outros dormem. Estamos num mundo à parte, impregnado de uma luz difusa vinda de fonte desconhecida. O sol é escuro, eclipsado, tal como são os corpos desses seres em silhueta. Estamos num mundo em suspensão, algum lugar entre a morte e a transformação. Somos transportados dentro do arco íris, um universo envolto por uma luz trêmula, o silêncio no coração de nosso ser. E então vivemos num estado catatônico e catártico, de cataclismo e catalepsia. Este é um mundo de cadafalsos escondidos e catacumbas sem fim iluminadas pelo infinito.

Mariannita Luzzati cria poesia em uma névoa de cores: Eternidade fixada pelo olhar.

Alan Frenkiel
Londres, abril de 2004



A METAFÍSICA DA CONTEMPLAÇÃO

A obra de Mariannita Luzzati representa uma situação na qual o mundo material e espiritual não se contrapõem. Ela nos confronta com uma sublimidade romântica permeada por elação e melancolia. Há um silêncio vibrante dissolvendo em luz as formas aparentes, um jogo contínuo entre o físico e o psíquico. A matéria começa por desfazer-se despedaçando os estados de sentimento que nos oferecem pouco consolo.

Mariannita Luzzati evoca o mundo e a visão de J.M.W. Turner ou de Caspar David Friedrich ou ainda o transcendentalismo do Blau Reiter. Como na obra de Friedrich, sua pintura nos mantém em suspensão e nos faz imergir num estado de infinitude prestes a ganhar forma e que será percebido inesperadamente. Entretanto nossa apreensão persiste por não termos certeza de estarmos diante de um momento de criação ou do instante que antecede a dissolução completa de tudo. Tal incerteza suscita em nós um estado de ansiedade, um tremor silencioso da alma, uma pulsação de inquietude. Tudo o que nos resta é esperar, mas no entanto intuimos que nossa espera será eterna.

C.D. Friedrich disse: "... feche seu olho físico para ver a pintura com o olho do espírito. Em seguida faça com que ela surja sob uma luz que vem do que você havia visto conforme você pode constatar na noite... Não separe a forma menor da maior, mas sim a insignificante da significante..."

Isto é o que Mariannita Luzzati vem fazendo ao nos oferecer um momento místico de contemplação. Momentos que vibram com o sublime, mas que podem transformar-se em estados de ansiedade, de terror. Devemos aprender a aceitar o silêncio, a suspensão, a espera, a percepção repentina do infinito, para que nossa realidade física possa transformar-se em um estado poético.

Na década de 20, Paul Klee escreveu algo que pode ser uma descrição apropriada da arte de Mariannita Luzzati: "... Revelamos a realidade que está por trás das coisas visíveis, manifestando assim a crença de que o mundo visível é meramente um caso isolado em relação ao universo e de que há muitas outras realidades latentes."

Alan Frenkiel

Escritor e crítico de arte norte americano, julho de 2004

A METAFÍSICA DA CONTEMPLAÇÃO

A obra de Mariannita Luzzati representa uma situação na qual o mundo material e espiritual não se contrapõem. Ela nos confronta com uma sublimidade romântica permeada por elação e melancolia. Há um silêncio vibrante dissolvendo em luz as formas aparentes, um jogo contínuo entre o físico e o psíquico. A matéria começa por desfazer-se despedaçando os estados de sentimento que nos oferecem pouco consolo.

Mariannita Luzzati evoca o mundo e a visão de J.M.W. Turner ou de Caspar David Friedrich ou ainda o transcendentalismo do Blau Reiter. Como na obra de Friedrich, sua pintura nos mantém em suspensão e nos faz imergir num estado de infinitude prestes a ganhar forma e que será percebido inesperadamente. Entretanto nossa apreensão persiste por não termos certeza de estarmos diante de um momento de criação ou do instante que antecede a dissolução completa de tudo. Tal incerteza suscita em nós um estado de ansiedade, um tremor silencioso da alma, uma pulsação de inquietude. Tudo o que nos resta é esperar, mas no entanto intuimos que nossa espera será eterna.

C.D. Friedrich disse: "... feche seu olho físico para ver a pintura com o olho do espírito. Em seguida faça com que ela surja sob uma luz que vem do que você havia visto conforme você pode constatar na noite... Não separe a forma menor da maior, mas sim a insignificante da significante..."

Isto é o que Mariannita Luzzati vem fazendo ao nos oferecer um momento místico de contemplação. Momentos que vibram com o sublime, mas que podem transformar-se em estados de ansiedade, de terror. Devemos aprender a aceitar o silêncio, a suspensão, a espera, a percepção repentina do infinito, para que nossa realidade física possa transformar-se em um estado poético.

Na década de 20, Paul Klee escreveu algo que pode ser uma descrição apropriada da arte de Mariannita Luzzati: "... Revelamos a realidade que está por trás das coisas visíveis, manifestando assim a crença de que o mundo visível é meramente um caso isolado em relação ao universo e de que há muitas outras realidades latentes."

Alan Frenkiel

Escritor e crítico de arte norte americano, julho de 2004



A FIVE STEP GUIDE FOR OBSERVING THE PAINTINGS OF MARIANNITA LUZZATI

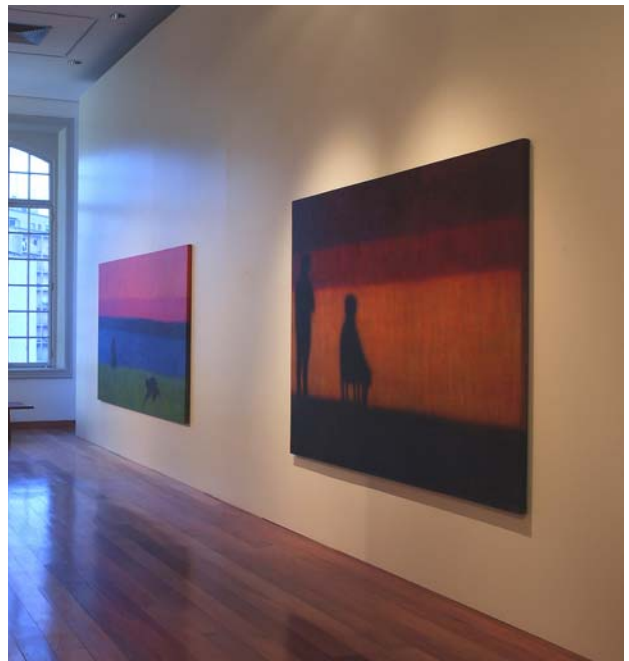
- 1) When we speak of art, we think of the logic of the visible, but it is important to remember that for the artist the visible serves to discover what we usually do not perceive, what would, otherwise, remain invisible.
- 2) Blaise Pascal, the XVII century mathematician, physicist, philosopher and writer observed: "Human knowledge is similar to a sphere which ceaselessly grows, as its volume increases, thus enlarging its point of contact with the unknown."
- 3) In 1859, commenting on the Salon in Paris, Charles Baudelaire wrote: "From day to day, art diminishes its self-respect, prostrates itself before exterior reality, and the artist become more and more inclined to paint not what he dreams but what he sees..."
- 4) Odilon Redon, the great colorist and visual mystic who fought every form of visual atrophy, said, "the artist will always have an innate sense for an organization of matter... In art, everything is done by docilely submitting to the arrival of the "unconscious"... Color is life itself, it annihilates the line with its rays... Dreams are populated with "visual logic" and the future belongs to the subjective world."
- 5) In Mariannita Luzzati's paintings the forms are transposed and transformed -with their own creative logic- into the poetic world of the undetermined where all certitudes lie in dreams. We are projected into a world of an unrelenting visual imagination.

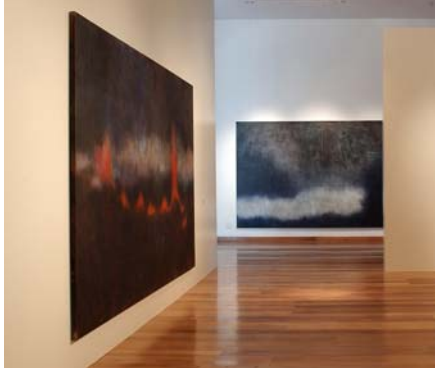


A FIVE STEP GUIDE FOR OBSERVING THE PAINTINGS OF MARIANNITA LUZZATI

- 1) When we speak of art, we think of the logic of the visible, but it is important to remember that for the artist the visible serves to discover what we usually do not perceive, what would, otherwise, remain invisible.
- 2) Blaise Pascal, the XVII century mathematician, physicist, philosopher and writer observed: "Human knowledge is similar to a sphere which ceaselessly grows, as its volume increases, thus enlarging its point of contact with the unknown."
- 3) In 1859, commenting on the Salon in Paris, Charles Baudelaire wrote: "From day to day, art diminishes its self-respect, prostrates itself before exterior reality, and the artist become more and more inclined to paint not what he dreams but what he sees..."
- 4) Odilon Redon, the great colorist and visual mystic who fought every form of visual atrophy, said, "the artist will always have an innate sense for an organization of matter... In art, everything is done by docilely submitting to the arrival of the "unconscious"... Color is life itself, it annihilates the line with its rays... Dreams are populated with "visual logic" and the future belongs to the subjective world."
- 5) In Mariannita Luzzati's paintings the forms are transposed and transformed -with their own creative logic- into the poetic world of the undetermined where all certitudes lie in dreams. We are projected into a world of an unrelenting visual imagination.







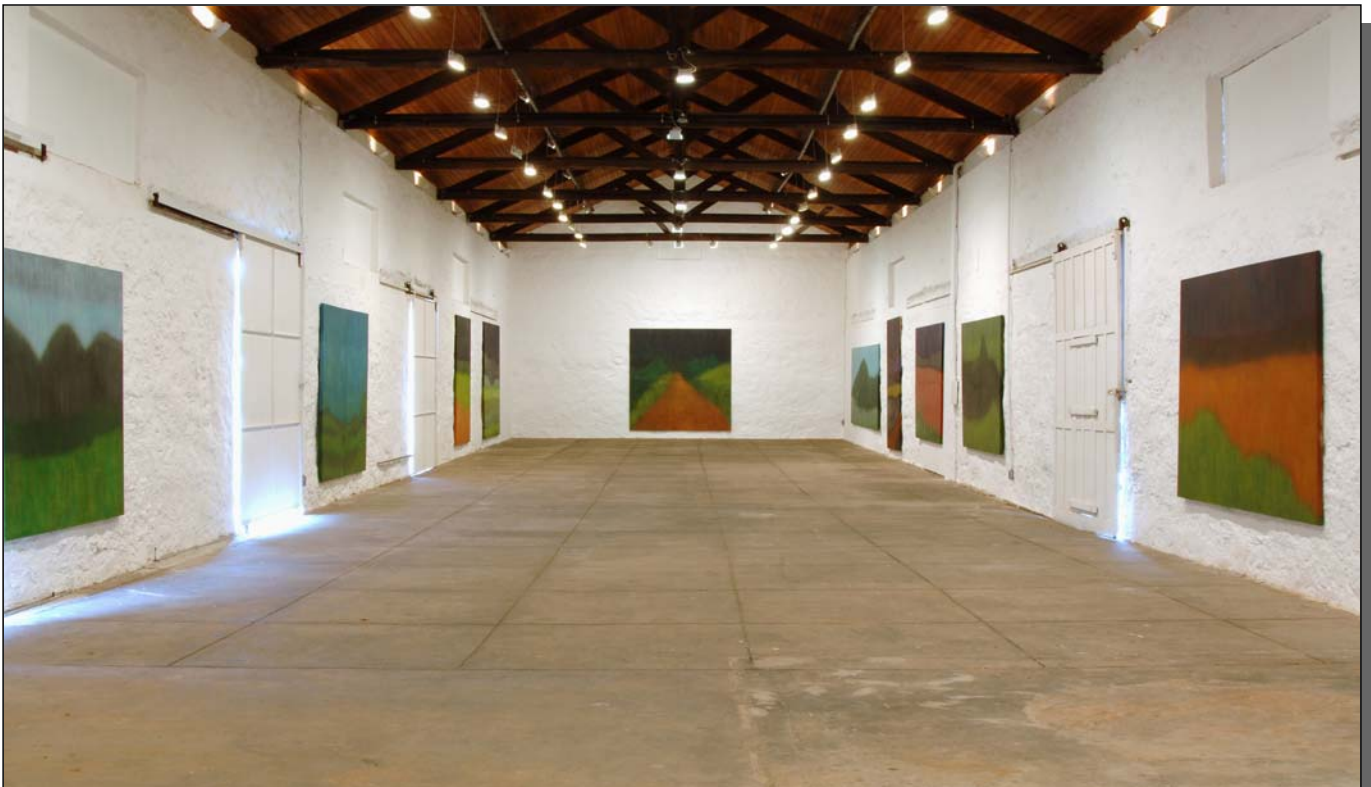


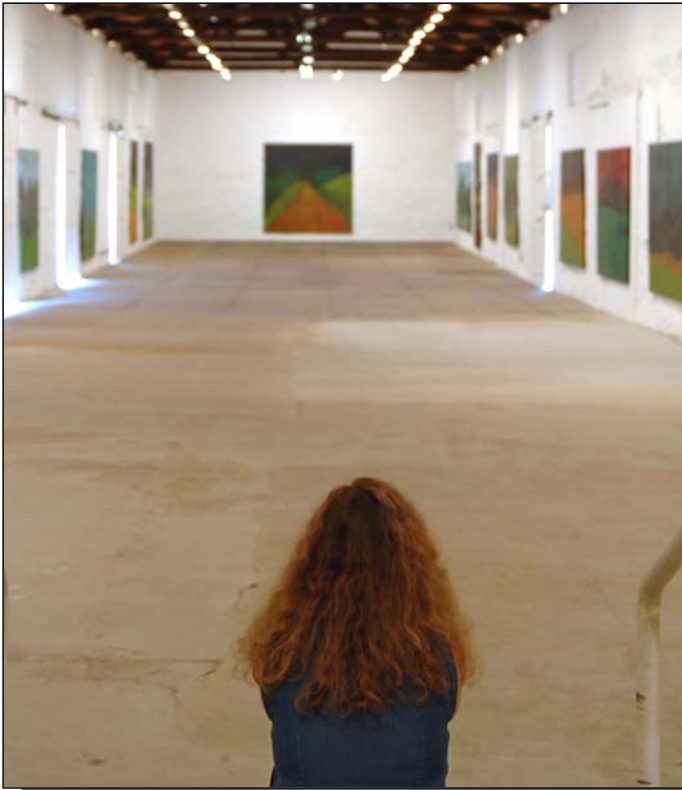


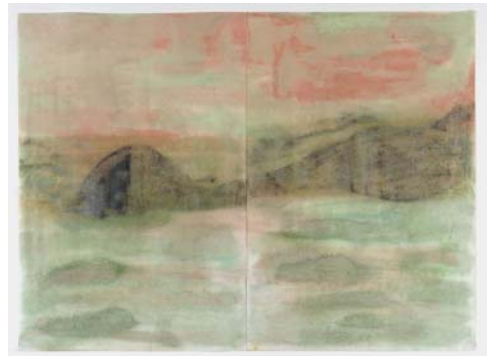














Mariannita Luzzati nasceu em 27 de dezembro de 1963 em São Paulo.

Realizou sua primeira exposição individual no **Centro Cultural São Paulo** em 1989, sendo em seguida convidada a expor na **Galeria Subdistrito** em São Paulo em 1991, recebeu no mesmo ano o primeiro prêmio do **Salão Nacional de Artes Plásticas**.

Em 1993 recebeu o prêmio aquisição em mostra de gravura no **Machida City Museum** e é convidada a integrar o **Panorama da Arte atual Brasileira no Museu de Arte Moderna em SP**.

Em 1994 Luzzati foi selecionada a representar o Brasil na **22ª Bienal Internacional de São Paulo**, sendo posteriormente convidada a participar de exposições na Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos e na Inglaterra – Londres onde fixa residência em 1994, passando a ser representada pela **Galeria Purdy Hicks**. Em 2001 duas de suas obras foram adquiridas pelo prints department do **British Museum of London**.

Participou de mostras em importantes museus e instituições, como a **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, o **Museu de Arte Moderna de São Paulo**, **Museu de Arte Contemporânea de São Paulo**, **Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro**, **Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro**, **Museu de Arte Contemporânea de Curitiba**, **Palácio das Artes de Belo Horizonte** e **Museu Vale do Rio Doce de Vitória**, **Museu Nacional – Buenos Aires**, **Museum Of London**, **Haus Der Kulturen Der Welt em Berlim**, entre outros.

Pintora, gravadora, fotógrafa e vídeo maker, suas obras constam em importantes coleções no Brasil e no exterior, dentre as quais a **Fundação Itaú Cultural de São Paulo**, a **Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, a **Fundação Cultural de Curitiba**, a **Fundação Padre Anchieta – TV Cultura** em São Paulo, o **Museu de Arte de Brasília**, o **Machida City Museum of Graphic Arts** em Tóquio, **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, **Centro Cultural Dragão do Mar** em Fortaleza, **Musei Civici de Lecco** e **MIDA – Scontrone** Itália, e **British Museum** de Londres.

Mariannita Luzzati nasceu em 27 de dezembro de 1963 em São Paulo.

Realizou sua primeira exposição individual no **Centro Cultural São Paulo** em 1989, sendo em seguida convidada a expor na **Galeria Subdistrito** em São Paulo em 1991, recebeu no mesmo ano o primeiro prêmio do **Salão Nacional de Artes Plásticas**.

Em 1993 recebeu o prêmio aquisição em mostra de gravura no **Machida City Museum** e é convidada a integrar o **Panorama da Arte atual Brasileira no Museu de Arte Moderna em SP**.

Em 1994 Luzzati foi selecionada a representar o Brasil na **22ª Bienal Internacional de São Paulo**, sendo posteriormente convidada a participar de exposições na Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos e na Inglaterra – Londres onde fixa residência em 1994, passando a ser representada pela **Galeria Purdy Hicks**. Em 2001 duas de suas obras foram adquiridas pelo prints department do **British Museum of London**.

Participou de mostras em importantes museus e instituições, como a **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, o **Museu de Arte Moderna de São Paulo**, **Museu de Arte Contemporânea de São Paulo**, **Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro**, **Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro**, **Museu de Arte Contemporânea de Curitiba**, **Palácio das Artes de Belo Horizonte** e **Museu Vale do Rio Doce de Vitória**, **Museu Nacional – Buenos Aires**, **Museum Of London**, **Haus Der Kulturen Der Welt em Berlim**, entre outros.

Pintora, gravadora, fotógrafa e vídeo maker, suas obras constam em importantes coleções no Brasil e no exterior, dentre as quais a **Fundação Itaú Cultural de São Paulo**, a **Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, a **Fundação Cultural de Curitiba**, a **Fundação Padre Anchieta – TV Cultura** em São Paulo, o **Museu de Arte de Brasília**, o **Machida City Museum of Graphic Arts** em Tóquio, **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, **Centro Cultural Dragão do Mar** em Fortaleza, **Musei Civici de Lecco** e **MIDA – Scontrone** Itália, e **British Museum** de Londres.



Edição / Editorial Coordinator

Textos / Texts
Projeto Gráfico / Graphic Design
Pesquisa / Research

Revisão / Copy Editing
Tradução / Translation
Edição eletrônica / Desktop Publishing
Pré-press e Impressão / CTP and Printing

Agradecimentos / Special Thanks

CAPA / COVER
A negra, 1997, em espaço Urbano.

Patrocínio / Sponsor

TAM